

CONSTRUÇÕES PASSIVA E IMPESSOAL: DISTINÇÕES FUNCIONAIS¹

Roberto Gomes CAMACHO²

- RESUMO: A caracterização tipológica da passiva, necessariamente escalar e não discreta, envolve, segundo Givón (1981), três domínios funcionais: atribuição de um tópico, impessoalização e detransitivização. O principal interesse deste trabalho é fornecer uma caracterização funcional à diferença morfossintática entre as construções passiva e impessoal do português falado.
- PALAVRAS-CHAVE: Voz passiva; voz impessoal; topicalização.

Introdução

De um ponto de vista funcional, as construções de voz exercem uma diversidade de valores semântico-oracionais e pragmático-discursivos, codificados na sintaxe por diferentes tipos de configurações estruturais. Em razão dessa complexidade gramatical, a literatura funcional tem preferido definir voz como um domínio multifatorial, tendo por base alguma caracterização prototípica a partir da qual outros tipos de construção ganham contorno próprio. A adoção do princípio de que estruturas linguísticas não são isoladas, mas tendem a apresentar similaridades par-

1 Este artigo é uma versão parcial do trabalho *Construções de voz*, apresentado no X Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado, Campos de Jordão, SP, de 8 a 13.2.1998, a ser publicado no volume XIII da *Gramática do português falado*, em preparação. Como uma forma de homenagem, dedico-o ao Prof. Borba, que faz lingüística com engenho e arte, e seriedade, mas sem perder jamais o humor e a camaradagem.

2 Pesquisador do CNPq (Proc. n.º 301185/92-1) – Departamento de Teoria Lingüística e Literária – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil – camacho@tll.ibilce.unesp.br.

ciais entre si, tem levado lingüistas de diversas tendências a adotar uma visão escalar e não-discreta da linguagem (cf. Hopper & Thompson, 1980; Shibatani, 1985), ponto de vista que também se aplica a este trabalho.

Ser um conceito multifatorial significa que a voz verbal representa um grande número de valores e de possibilidades correspondentes de expressão que, segundo Givón (1981, 1994), envolvem três domínios funcionais: a) *topicalidade*: atribui-se a função de Tópico a um argumento não-Agente; esse comportamento é oposto ao da sentença ativa correspondente, em que o Tópico é comumente o Sujeito/Agente; b) *impessoalidade*: suprime-se a identidade/presença do argumento Agente, geralmente o Sujeito expresso da sentença ativa; c) *detransitividade*: a construção de voz é semanticamente menos “ativa”, menos transitiva, mais estativa que a construção “ativa” correspondente.

Givón (1994) considera centrais três dimensões semânticas para a compreensão dos conceitos de transitividade/detransitividade, que definem o que ele denomina “evento transitivo prototípico” e, por extensão, a base da voz ativo-transitiva: a) a oração transitiva prototípica envolve um Agente ativamente iniciador, controlador, volicional, que é responsável pelo evento, portanto, sua causa saliente; b) envolve também um Paciente não-controlador, inativo, não-volicional, que registra uma mudança de estado, portanto, seu efeito saliente; c) o verbo codifica um evento compacto, limitado, e real. Como se nota, esse protótipo se deriva do estudo sobre transitividade de Hopper & Thompson (1980), porém a formulação de Givón identifica o essencial nos dez fatores arrolados por aqueles autores para identificar a transitividade mais em termos semânticos que morfossintáticos.

Ao examinar as construções passivas em ute, Givón (1981) observa dois fatos morfossintáticos: o Agente é necessariamente ausente e todos os demais participantes (inclusive o novo Tópico) mantêm o mesmo estatuto da ativa. A passiva, que é, ela própria, marcada com um sufixo verbal, mantêm a marca de número do argumento não-expresso, o Agente. Isso significa que o Sujeito/Agente mantêm controle sobre a categoria de número e não o cede ao argumento topicalizado da sentença passiva. Além disso, a atribuição da função de Tópico não sofre restrição seletional: argumentos geralmente baixos na Hierarquia de Funções Semânticas (Dik, 1989), como Tempo e Locativo, podem receber a função tópica.

A passiva de línguas, como o inglês, mostra comportamento oposto ao mencionado: além de não preservar sua marca original de caso, o ar-

gumento não-Sujeito, não-Agente não é necessariamente suprimido; a categoria de número é controlada pelo novo Tópico; há restrições às funções semânticas dos participantes da ativa correspondente para que possam ser promovidos a Sujeito/Tópico da passiva. Em consequência desses traços diferenciadores, o inglês e o *ute* constituem, para Givón, dois pólos de um *continuum* em cujos intervalos se enquadram outras construções. Os parâmetros que fornecem as bases para a construção dessa escala resultam de categorizações e generalizações (cf. Givón, 1981, p.168) dos seguintes traços morfossintáticos:

(a) O grau em que as propriedades de marcação de caso presentes no Sujeito/Agente da ativa se aplicam também ao Tópico não-agentivo da passiva (baixo no *ute*, que se comprova na conservação de marcação de caso; alto na passiva do inglês, em que o Sujeito/Tópico se torna o SN nominativo).

(b) O grau em que a identidade do Sujeito/Agente da ativa está ausente na passiva (completamente ausente no *ute* e facultativa no inglês).

(c) O grau em que a sentença passiva conserva as propriedades semânticas e sintáticas de atividade e transitividade (baixo em inglês, alto em *ute*, em que se conserva a marcação de caso: o Agente ausente mantém controle de número e se preserva, semanticamente, o caráter ativo do evento).

(d) O grau em que é possível atribuir a função de Sujeito/Tópico a argumentos com diferentes funções semânticas (alto em *ute*, em que não ocorrem quaisquer restrições; baixo no inglês, em que somente o Paciente é promovido).

Essas dimensões escalares tipológicas interagem sobre um sistema de interdependências que atua, assim, como uma escala abrangente para a representação integral das dimensões gramaticais da passiva. As correlações estão baseadas na relação do primeiro parâmetro (atribuição de Tópico) com os demais (cf. Givón, 1981, p.169). Assim, quanto menos uma língua atribuir marcação de Agente/Sujeito a Tópico na passiva, tanto mais as sentenças passivas: (i) tenderão a suprimir o Agente da ativa (a-b); (ii) manterão traços transitivos e ativos (a-c); (iii) aceitarão argumentos não-Sujeito não-Agente como seu Tópico (a-d).

Objetivos e pressupostos metodológicos

Em sentido amplo, reconhece-se a existência de duas construções principais de voz em português: voz *passiva* e voz *impessoal*. A passiva,

também chamada *analítica*, é constituída por auxiliar, em qualquer um de seus tempos verbais, e um particípio passado, seguido ou não de um SP agentivo.

A impessoal,³ também chamada *passiva sintética*, é constituída pela fórmula verbo na 3ª pessoa da forma ativa combinada com o pronome *se*, na chamada *função de apassivador*, que é como tradicionalmente se qualifica o clítico, quando se reporta a um sujeito de 3ª pessoa que, na representação lingüística, não figura como Sujeito ativo.

Nessa construção de voz, o clítico *se* não apresenta relação anafórica, e, por conseguinte, também não correferencial com o SN Sujeito, estando antes em seu lugar; sendo assim, pode ser encarado como um morfema sinalizador de passiva, que a denominação *pronome apassivador*, cunhada pela gramática tradicional, traduz aproximadamente. O efeito semântico mais característico desse tipo de formulação é um caráter desindividualizante ou impessoalizador, com a indeterminação da entidade prototipicamente agentiva.

O objetivo deste trabalho é mostrar que as construções passiva e impessoal correspondem, na gramática do português falado, aos dois extremos da escala, embora sejam regidas pelas mesmas restrições semânticas em relação ao tipo de predicado subjacente envolvido. Para examinar as duas construções de voz de uma perspectiva pragmática, tomar-se-á por parâmetro que o principal componente desse fenômeno é a relativa topicalidade do Agente e do Paciente no evento semanticamente transitivo, tal como proposto por Givón (1981).

A descrição das gramáticas tradicionais sustenta que construções impessoais são passivas reais em razão de ser o argumento único o Sujeito formal: embora posposto, controla a concordância número-pessoal com o verbo. Entretanto, nem todas as construções desse tipo se fazem marcar por *se*, eliminação que, de resto, acompanha a perda de clíticos já atestada no português (cf. Kato & Tarallo, 1986). Além disso, nem sempre, como se sabe, o argumento único do predicado na construção impessoal se comporta como Sujeito real: além de ocupar uma posição destinada ao Objeto, nem sempre se mantém a codificação morfossin-

3 Câmara Júnior (1972, p.185) se refere ao surgimento, no domínio indo-europeu, de uma voz passiva de forma reflexivo-pronominal que as línguas românicas tornaram impessoal com a integração do sujeito no predicado: "Em português, como em italiano, isso se exprime pela falta de concordância entre o nome e o verbo, que fica invariável no singular". Em razão da tendência semanticamente impessoalizadora das construções médias, reserva-se a esse tipo de construção de voz, neste trabalho, o rótulo "impessoal", também adotado alhures na literatura funcionalista (cf. Noonan, 1994; Arce-Arenales et al., 1994; Givón, 1994, entre outros).

tática que regula o comportamento nominativo desses SNs. Cria-se, assim, uma espécie de voz ativa impessoal indeterminadora, em que o argumento Paciente não recebe função de Sujeito, cuja posição fica marcada formalmente pela presença do clítico *se*.

A impessoalidade inerente a esses casos, em que o evento é prototipicamente transitivo, se estende a construções com verbos intransitivos em que nem há argumento paciente para se promover a Sujeito, como em *vive-se bem aqui*. Interessa a este trabalho verificar essa tendência estrutural das construções impessoais, ligando-a a correlações funcionais de ordem semântico-pragmática.

O roteiro de trabalho é empreender uma discussão qualitativa das duas construções de voz, empregando, sempre que possível, dados extraídos do *corpus* compartilhado do Projeto de Gramática do Português Falado, que consiste numa amostragem do material coletado pelo Projeto da Norma Urbana Culta (Nurc)/Brasil, gravado com informantes cultos procedentes de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.⁴ Predominará, neste trabalho, uma discussão qualitativa de casos explícitos, iluminada por um conjunto de operações quantitativas implícitas que, apesar de poderem reforçar decisivamente a argumentação, terão de ser omitidas, por absoluta falta de espaço.

Inicialmente, faz-se uma análise das condições semânticas que permitem codificar sintaticamente um estado de coisas nas construções passiva e impessoal. Passa-se, em seguida, ao exame, no âmbito das determinações pragmáticas, às diferenças funcionais que as duas configurações estruturais de voz projetam no uso.

Distinções semânticas

A grande maioria das construções passivas e impessoais ocorre com verbos de ação, em cujo esquema de predicado, o argumento A² corresponde a um papel de paciente (Meta e Meta-Experienciador), representado por uma entidade afetada ou efetuada, e o argumento A¹ corresponde a uma entidade agentiva que envolve também os traços humano e con-

4 Tal amostragem, que já vem sendo exaustivamente descrita, é composta pelos seguintes inquiridos: Porto Alegre: EF 278, DID 045, D2 291; Rio de Janeiro: EF 379, DID 328, D2 355; São Paulo: EF 337, DID 131, D2 360; Recife: EF 337, DID 131, D2 005; Salvador: EF 049, DID 231, D2 098.

trolador. Os exemplos (1a-c) abaixo ilustram esse tipo de esquema de predicado:

- (1) a. *todo seu material bélico foi arrasado?* (EF-RJ-379)
b. *compra-se mais um título...* (D2-RJ-355:30)
c. *faz esse refogado e põe tomate, um ou dois tomates* (D2-POA-291:129)

A passiva manifesta-se também com predicados de Posição, que são semanticamente marcados pelo traço [+controle]. Posição, na visão teórica de Dik (1989), aqui adotada, inclui os verbos de percepção, ou posição mental, como *considerar* e seus similares com verbo-suporte, como *levar em conta*, contido em (3-a); e verbos que pressupõem posicionamento físico de um ser controlador, como *considerar*, *manter*, *conservar*, conforme se observa em (2b-d).

- (2) a. *aumentos... salariais... que anualmente são levados em conta* (DID-RE-131)
b. *os sindicatos são realmente entidades... que têm... determinados elementos que são considerados como postos...(...) quer dizer que são considerados como elementos chaves* (DID-RE-131: 70-1)
c. *o período presidencial... é mantido... durante três anos...* (DID-RE-131:225)
d. *outros tipos de alimento que podem ser conservados* (DID-POA-044)

O que parece mais intrigante e estranhável é haver incidência de predicados de Processo, em que a entidade envolvida não exerce qualquer controle, sendo, antes, afetada. Processos implicam, por definição, a atuação involuntária dos participantes, afastando-se, portanto, do evento transitivo prototípico. Em razão dessas propriedades, é raro obter-se uma construção passiva, que, no corpus considerado, restringe-se a predicados como *lembrar*, *entender*, *perceber*, *ver*, este com várias reações, e *perder*, conforme se observa em (3a-d).

- (3) a. *a relação salário aluguel... já que o assunto foi lembrado aqui...* (D2-RJ-355:213)
b. *a imagem não foi feita para decorar a caverna ou para ser vista por outras pessoas... certo?* (EF-SP-405: 254)
c. *bom... ocorre a guerra e... nada nessa história acontece por acaso... né? se... realmente a guerra foi perdida pelos países do eixo... é que as condições... sociológicas... econômicas e políticas etc. etc. fizeram com que fosse perdida a guerra...* (EF-RJ-379)
d. *agora o dinheiro no Brasil nunca foi tão difícil de ser entendido...* (D2-RJ-355)

Todos os predicados envolvidos são processivos com um sujeito Experienciador. A experiência por que se passa pode ser física, como ocorre com *ver* e *perder*, ou mental, como ocorre com *entender*, *perceber*, *lembrar*. Sobre essas construções, o que se pode dizer é que se desviam do evento transitivo prototípico. Certamente o envolvimento num estado de coisas processivo não acarreta qualquer ato voluntário e intencional da entidade experienciadora.

Na construção impessoal, a incidência de outros tipos semânticos de predicados é pouco significativa, mas permite observar um dado relevante: aplicam-se a ela as mesmas condições semânticas que se aplicam à passiva. Acompanha essa correlação o fato de terem os dados do *corpus* manifestado inclusive ocorrências de predicados de Processo, também com papel semântico de Experienciador e de Posição, que pressupõem entidades controladoras, comuns às construções passivas. As sentenças incluídas em (4a-c) são exemplos representativos de predicação de Posição, e as de (4d-e), de Processo.

- (4) a. *somente levando em consideração a realidade social... em adequação à lei por exemplo* (EF-RE-337:224)
- b. *porque tem que manter um certo padrão: e não dá* (D2-SP-360:686)
- c. *alimentos assim que não se pode guarda(r) por muito tempo, não é?* (DID-POA-044: 207)
- d. *e como se vê fogueira o olindense faz fogueira* (D2-RE-05:290)
- e. *se encontra por exemplo hoje... no Japão... quer dizer uma situação DIFERENTE daquele Japão pós-guerra* (EF-RJ-379:340).

Observe-se, de passagem, que a construção impessoal pode incluir predicações de Estado que não teriam formulação correspondente na passiva, como é o caso de construções com verbo-suporte, que se vê em (5).

- (5) *tinha-se esperanças... em que dona Ana Cândida tendo assumido a procuradoria geral do Estado... em ela sendo mulher... que ela defendesse um pouco mais a classe não?* (D2-SP-360)

Não é estranhável que ocorram construções como essa. A sintaxe *verbo + se* serve à função de expressar a propriedade que assume um predicado de não se referir ao Sujeito, seja ele explícito ou implícito. Como um domínio funcional amplo, inclui diferentes configurações valenciais, o que permite incluir predicados monoargumentais, como em *riu-se muito durante a festa, vive-se bem no interior* etc., categorias que podem incluir verbos-suporte, como *ter esperança*.

Em termos estritamente semânticos, há uma correlação significativa entre as construções de voz passiva e impessoal: ambas estão fortemente

condicionadas pela presença de um verbo de Ação, em detrimento de predicados de Processo, Posição e Estado. Se isso é verdadeiro, o que determina a escolha de uma das estruturas alternativas?

Um aspecto semântico importante que deve determinar essa seleção está justamente no domínio funcional da transitividade. A natureza ativo-transitiva do predicado, que se mantém na construção impessoal, alivia a restrição motivada pela necessidade de distinção entre os participantes, própria da passiva. Assim, bloqueiam a construção passiva predicados de Ação em que o Objeto afetado é parte inalienável da entidade agentiva:

- (6) a. *João lavou-se.*
b. *?João foi lavado por si.*
- (7) a. *João levantou o braço.*
b. *?O braço foi levantado por João.*
- (8) a. *João tomou banho.*
b. *?Banho foi tomado por João.*

O traço caracterizador de um esquema de predicado bivalencial, que constitui o evento transitivo prototípico, representa-se, por definição, na distinção entre dois participantes exercendo papéis semânticos igualmente distintos, que é como se identifica uma relação tipicamente assimétrica (Kemmer, 1994). O evento reflexivo de (6a) evoca dois papéis semânticos separados, mas que convergem para uma única entidade referencial. Já o Agente e a entidade afetada de (7a) representam uma única entidade, uma vez que *braço* representa uma parte inalienável de *João*. Assim, (6a-b) e (7a-b) constituem subconjuntos do mesmo fenômeno semântico, isto é, os argumentos representam entidades com grau baixo ou nulo de distintividade. A consequência mais evidente dessa propriedade semântica para a organização sintática é o bloqueio da construção passiva (8b), que não se aplica, no entanto, à construção impessoal:

- (9) a. *levantou-se muito o braço na assembléia para votar tantas propostas.*
b. *tomou-se banho só de rio durante a pescaria.*

Em termos estritamente semânticos, a possibilidade de se construir passivas e impessoais no português está associada às mesmas restrições de seleção, mas uma sentença passiva é prototipicamente sensível à promoção de entidades afetadas à posição de Sujeito/Tópico e à detransitividade do predicado verbal, e não necessariamente à impessoalidade do Agente; nesse aspecto, as impessoais são absolutas: não

autorizam a manifestação formal de um SN agentivo. Observem-se as sentenças contidas em (10a-c):

- (10) a. *João quebrou o vidro da janela.*
- b. *O vidro da janela foi quebrado (por João).*
- c. *O vidro da janela (se) quebrou (?por João).*

A prerrogativa especial da passiva de ser capaz de manter o SN agentivo pode ser observada em (10a) e (10b), construções que manifestam explicitamente SNs lexicais que representam uma entidade agentiva, controladora, individuada:

- (10) a. *então lá fui recebido* pela empregada (D2-RJ-355)
- b. *onde ele estabelece índices salariais... baseados em cálculos que são feitos... se não me engano* pela Fundação Getúlio Vargas... (DID-RE-131)

Também os casos de anáfora zero são SNs individuados, claramente identificados no contexto discursivo:

- (11) *então a minha de onze anos... ela supervisiona o trabalho dos cinco... então ela vê se as gavetas estão em orde/... em ordem se*o:: material escolar já foi re/arrumado* [entenda-se pelos cinco] *para o dia seguinte* (D2-SP-360)

Nessa ocorrência, o Tópico discursivo são os cinco filhos da informante, que passa a enfocar um deles, ou seja, a menina de onze anos. A situação textual deixa claro que o SN agentivo elíptico de *arrumar* se identifica por relação anafórica e correferencial com o SN *os cinco*. Em outro tipo de construção, a referência ao nominal está bem mais próxima:

- (12) *se... realmente a guerra foi perdida* pelos países do eixo... *é que as condições... sociológicas... e econômicas e políticas etc. etc. fizeram com que fosse perdida a guerra...* [entenda-se pelos países do eixo] (EF-RJ-79)

A demção sintática do SP agentivo, embora facultativa, é estatisticamente preferida. Há casos de passivas que manifestam entidades genéricas, (13a) ou, se individuadas, desconhecidas do emissor, e se conhecidas, propositadamente não enunciadas por ele (13b).

- (13) a. *a ciranda é cantada durante o verão em Olinda*
- b. *se a gente lembrar que aquele prédio foi feito para conter* (D2-RJ-355)

As ocorrências de SNs lexicais plenos representam geralmente entidades genéricas, não-individuadas:

- (14) a. *seus representantes que são por sua vez ou devem ser eleitos diretamente pelo povo* (DID-RE-131)
- b. *toda parte jurídica do Estado é feita por procuradores do Estado* (D2-SP-360)
- c. *a imagem não foi feita para decorar a caverna... ou para ser vista por outras pessoas* (EF-SP-405)

Em alguns casos, o SN agentivo não-demovido é definido e aparentemente individuado, mas tem uma referência genérica, já que o assunto de que se trata é a constituição jurídica de sindicatos em geral:

- (15) a. *reajuste esse que é... debatido... entre os associados através das chamadas assembléias... que são convocadas pelo seu presidente* (DID-RE-131)
- b. *são entidades sem fins lucrativos... portanto são/têm por obrigação PRESTAR... toda assistência devida... aos seus sindicalizados... recebendo todas aquelas importâncias... que são pagas pelos seus associados e revertendo-as... integralmente em benefício... dos mesmos* (DID-RE-131)

A forma de manifestação dos SNs sintática e pragmaticamente não-demovidos é lexical, zero anafórico e pronome anafórico e, como se esperava, referem-se a entidades humanas. Embora não se tenham considerado os SNs demovidos, uma rápida inspeção nas ocorrências permite logo observar que consistiriam também em alguma entidade humana. Observe-se (16a), cuja ativa correspondente poderia ser (16b) com um sujeito animado:

- (16) a. *naquelas mensalidades... que são pagas... ao órgão* (DID-RE-131)
- b. *alguém (as pessoas) pagam as mensalidades ao órgão.*

Distinções pragmático-discursivas

Para avaliar, agora, o efeito da acessibilidade anafórica que caracteriza a natureza tópica do Sujeito da passiva, observem-se a seguir, em (17a) e (17-b), dois casos típicos de SNs na função de Sujeito/Tópico sob a forma de pronome anafórico e zero anafórico, respectivamente.

- (17) a. a Arquitetura *quando foi prá lá estava do primeiro ao oitavo andar mobiliado... com mobiliário melhor possível... então... o que acontece... quando ela foi sendo comprimida... ela não foi deixando os móveis* (D2-RJ-355)
- b. a criança *vai ao maternal somente pra brincar... ser educada ser alfabetizada* (DID-SA-231)

É óbvio dizer que zeros costumam desempenhar o papel de ponto terminal de uma cadeia anafórica, que, muitas vezes, começou com um SN lexical pleno. Observem-se alguns exemplos:

- (18) a. esse nódulo *terá que ser... examinado..∅ terá que ser retirado... ∅ terá que ser_mandado para a... anatopatologista... para eh::eh::/ para então... ele dizer... se há malignidade ou nao* nesse nódulo (EF-SA-049)
- b. *ele é responsável* pela chefia lá e:: ∅ não foi preenchida (D2-SP-360)

Há, no entanto, casos de sintaxe VS. Em dois deles, o papel da posição pós-verbal é esclarecer a referência de uma entidade que o locutor presume não ter ficado explícita para o interlocutor, o que acontece nos casos de antitópico:

- (19) a. *foram dimensionadas* as estradas (D2-SA-98)

Alguns casos de SNs representados por entidades definidas e referenciais acham-se pospostos em virtude do caráter focal de um outro SN, que é estrategicamente enunciado na primeira posição da predicação, como se observa em (20a-d).

- (20) a. *nós vamos localizar onde foram encontrados esses vestígios* (EF-SP-405)
- b. *como pode ser percebida a vocação de uma pessoa?* (DID-POA-044)
- c. *porque* a este setor *é confiado todo o levantamento* (DID-RE-131)
- d. aos sindicatos *não é permitido o chamado lucro* (DID-RE-131)

Há casos de construção passiva em que se manifesta uma preferência pela posição pós-verbal para o argumento único do predicado, como se observa em (21).

- (21) *enquanto não for estruturado* esse projeto *não há possibili/ não pode ser feito* concurso (D2-SP-360)

Não se trata de informação nova em (21), já que o SN mantém relação anafórica com algum outro que o antecede, particularmente marcada no determinante do SN grifado da primeira oração. Sendo assim, a

preferência pela posposição do sujeito se justifica no fato de a informação focal incidir sobre o próprio predicado e não em seu argumento.

Nas estruturas impessoais, reinam absolutas as entidades inanimadas na posição argumental única. Um bom indicio para verificar o estatuto dado/novo desses referentes é seu grau de acessibilidade anafórica. A grande maioria dos SNs das construções clíticas e não-clíticas apresenta ligação anafórica com algum constituinte no texto antecedente, comportamento que caracteriza as entidades representadas por esses SNs como discursivamente dadas.

Essa alta incidência de referentes anaforicamente acessíveis nas construções de voz impessoal se justificaria se pudessem ser subcategorizados como Tópicos; nesse caso, o argumento afetado seria promovido, de um ponto de vista pragmático, para a função de Tópico e, de um ponto de vista sintático, para a posição de Sujeito, como, aliás, é comum ocorrer com a passiva. Entretanto, dificilmente se poderia atribuir aos casos de voz impessoal do *corpus* exemplos claros e inequívocos de construção promotora de entidades Processadas à posição de Sujeito, já que a maioria absoluta delas tem seu argumento único inequivocamente flexionado no singular.

Para reforçar esse argumento, verifiquemos como se comportam as construções impessoais, cujos argumentos únicos exigiriam, caso fossem interpretados como Sujeito, a aplicação de concordância no verbo, o que, de fato ocorre com apenas um caso, o de (22)

- (22) *quer dizer além de chegar ao plano muscular... se tiram os elementos musculares... ou sejam... os peitorais... grandes e pequenos.* (EF-SA-049)

Observe-se o cuidado especial do informante com a concordância verbal que o leva a produzir um caso típico de hipercorreção mais adiante, quando usa a locução *ou seja* como se fosse um verbo no plural. Isso pode indicar que somente em situações muito tensas um falante com escolaridade de nível superior, que é como se caracterizam os informantes do Nurc, produziria esse tipo de construção em que o argumento único é codificado como Sujeito em função de marca de concordância número-pessoal.

Os demais casos representam todos indícios claros de que o falante não trata o argumento posposto ao verbo como o Sujeito legítimo da sentença. É verdade que alguns deles são construções impessoais não-clíticas, em que a ausência de marca explícita de voz torna mais rara a concordância. As sentenças (23a-c) ilustram alguns desses casos.

- (23) a. e mistura então os frutos do mar *que vêm é polvo, mariscos, as mais variadas espécies* (D2-POA-291)
 b. *então, naquele arroz mexe, quebra dois ovos aí e, e depois então comprime esse arroz num pirex* (D2-POA-291)
 c. *quando aquele queijo fica todo derretido, envolvendo o camarão, aí retira os dois e serve-se* (D2-POA-291)

Já em outros casos, como os de (24a-c), a construção impessoal é inequivocamente assinalada com o marcador clítico. A despeito disso e da relativa formalidade da situação interacional, o SN pluralizado não aciona a concordância.

- (24) a. *não se pode criar assim profissões ou citar(r) profissões que sejam mais importantes ou mais necessárias entende?* (DID-POA-044)
 b. *também se faz a aquelas compras pequenas que... alimentos assim que não se pode guarda(r) por muito tempo, né?[...] só outros tipos de alimentos que podem ser conservados* (DID-POA-044)
 c. *é o mesmo caso das estradas brasileiras... dimensionou-se... foram dimensionadas as estradas para um tráfego mais leve do que elas estão suportando* (EFI-SA-98)

É interessante observar que, em (24b), o locutor usa a alternativa impessoal com um SN no plural que, mesmo assim, não acarreta a concordância de número no predicado. Na seqüência, apesar de *alimentos* aparecer em posição pré-verbal controlando a ligação anafórica com o pronome relativo na posição de Sujeito, esse SN não é capaz de acionar a regra de concordância com o auxiliar modal *poder*. Na mudança de Subtópico que faz em seguida, referindo-se a outros tipos de alimentos, o locutor alterna para a construção passiva numa oração relativa, cujo correferente é de fato um nome no plural. Diferentemente do que ocorre na construção impessoal que acabou de ser enunciada, nesta se aplica rigorosamente a concordância.

Já o enunciador da sentença (24c) introduz um Subtópico, *as estradas brasileiras*, faz uma pausa e constrói uma predicação só com o verbo *dimensionar*. O fato de estar o SN que representa o argumento único do predicado sob a forma de um zero anafórico o conduz à não-aplicação de concordância; em seguida, ele emprega a construção passiva, mas dessa vez, como o locutor de (24b), parece corrigir-se aplicando concordância, a despeito mesmo da posposição do SN, aqui entendido como o Sujeito legítimo do verbo. Outros casos acham-se identificados a seguir em (25a-c).

- (25) a. *o que é interessante que até bom que se discuta um pouquinho é a sign, os acessórios secundários, o principal, etcétera alguma dúvida?* (EF-POA-278)
 b. *ainda se usa até hoje em dia... um ou dois... dois tostões...* (D2-RJ-355:95)
 c. *que são as três moedas que se consegue realmente trocar com muita facilidade...* (D2-RJ-355:195).

Em (25a), a ausência de concordância é ambígua, uma vez que pode ter havido uma motivação cognitiva para emitir um SN singular, depois truncado, momento em que o locutor faz uma reparação para manifestar um SN no plural. Presume-se, todavia, que à reparação de um termo do SN poderia seguir-se também a reparação do verbo, caso o informante estivesse plenamente seguro de que se trataria ali de um SN Sujeito e que, como tal, deveria acionar a concordância verbal. A construção (25b) é similar: o SN sofre uma correção que não se aplica simultaneamente ao verbo.

Já (25c) é um caso especial, similar à sequência de (24b) já apontada. O SN pluralizado é anaforicamente retomado por um pronome relativo. A posição pré-verbal deveria detonar automaticamente a marcação de pluralidade no verbo, caso o informante introjetasse a idéia de que o argumento único do predicado fosse de fato o Sujeito.

As construções impessoais ainda representam casos de ambigüidade estrutural no português falado culto em razão de um mínimo de construções no plural, certamente motivadas pela tradição normativa que rege a modalidade escrita. Esses poucos casos podem ser identificados como construções que promovem sintaticamente o SN semanticamente afetado à posição de Sujeito. Todavia, a preferência estatística por construções impessoais no singular é certamente um indício claro de que se acha subjacente algum tipo de interpretação sintática relevante.

A esse propósito, Nunes (1991, p.34) atribui duas diferentes configurações estruturais, nos quadros da Gramática Gerativa, para construções como (22) e como (24b), denominadas respectivamente "construção com *se* apassivador" e "construção com *se* indeterminador", conforme se observa em (26a-b):

- (26) a. (expl) *retiram-se* θ_e *elementos musculares* θ_i ⁵
 b. *pt* θ_e *faz-se* θ_0 *aquelas compras* θ_i

5 Em sua análise θ_e , θ_i e θ_0 representam papel temático respectivamente reservado ao argumento externo, ao argumento interno e ausência de absorção de papel temático.

Em (26a), o clítico *se* absorve o papel temático do argumento externo e caso acusativo; o SN *elementos musculares*, detentor do papel temático do argumento interno, recebe caso nominativo em cadeia com o expletivo que ocupa a posição de sujeito. Em (26b), ocupa a posição de sujeito um pronome nulo referencial, que é indeterminado pelo clítico *se*; ao SN *aquelas compras*, que preserva o papel temático do argumento interno, é atribuído caso acusativo.⁶ Em que pese a diferença de tratamento, os resultados finais parecem equivaler-se.

Retornando ao paradigma funcional, é possível acrescentar que a preferência pela construção passiva é motivada pela determinação pragmática de constituir um Tópico, o que não se aplica à impessoal, em que o processo é apresentado em si mesmo, independentemente de uma entidade que lhe sirva de referência, a mesma motivação que dá lugar às frases sem sujeito. A própria configuração sintática da construção impessoal, argumento único em posição pós-verbal, é um resultado explícito dessa motivação pragmática; além disso, ela preserva a estrutura predicacional ativo-transitiva. Configurando-se a necessidade de se manifestarem SNs Tópicos, é necessário optar por uma estrutura em que o argumento principal seja sintaticamente promovido a Sujeito e pragmaticamente a Tópico, o que define a construção passiva. Nesse caso, o estatuto semântico de-transitivo resultante é secundário em razão da determinação pragmática de atribuição tópica, hierarquicamente dominante.

Considerações finais

O principal interesse deste trabalho foi estabelecer uma caracterização semântica e pragmática à diversidade morfossintática das construções passiva e impessoal, mediante a combinação dos fatores de-transitividade, impessoalidade e topicalidade.

O principal domínio funcional enfocado, o pragmático, permitiu comparar as construções de voz, entendendo-se por “pragmático” a relativa topicalidade do paciente no evento semanticamente transitivo,

6 A passiva impessoal, que Nunes denomina “construção com *se* indeterminador”, é resultado da re-análise de três aspectos: i) o *se* apassivador passa de elemento identificador da estrutura do predicado a participante da relação anafórico-pronominal que *se* estabelece com o pronome nulo da posição de sujeito; ii) o argumento interno passa de sujeito a objeto do verbo; iii) o expletivo que ocupa a posição de sujeito passa à condição de pronome nulo referencial (cf. Nunes, 1991, p.37).

no sentido de Cooreman (1985, 1987, apud Givon, 1994). A definição pragmática das construções de voz aqui focalizadas é a seguinte:

Construções de Voz	Topicalidade Relativa
Ativa	AGT > PAC
Passiva	AGT < PAC
Impessoal	AGT << PAC

A ativa define-se pragmaticamente como a construção de voz em que o Agente é mais tópico que o Paciente, que, todavia, ainda retém considerável topicalidade (AGT > PAC). Relativamente a essa norma não-marcada, os dois tipos de construções de voz aqui enfocados podem ser então definidas como:

a) passiva: o Paciente é mais tópico que o Agente, embora este retenha considerável topicalidade, sendo, por isso, facultativo, na medida em que pode ser mantido ou suprimido/demovido (AGT < PAC);

b) impessoal (clítica e não-clítica): o Agente é extremamente não-Tópico, sendo por isso suprimido, mas o Paciente, embora mais Tópico que o Agente, pode ou não adquirir as características de subjetividade (AGT << PAC).

Assim, das duas construções, apenas a passiva promove explicitamente a Sujeito/Tópico o participante afetado e permite reter a entidade agentiva, que se manifesta no interior de um SP. Mesmo que o Agente nem sempre se manifeste, enunciá-lo depende unicamente do ponto de vista do falante em relação ao evento e não de alguma restrição sintático-semântica. Nesse aspecto, a construção passiva contrasta com a voz impessoal em que o Agente é semanticamente suprimido.

Tendo mostrado a importância da atribuição tópica para a configuração formal dos dois tipos de construção, resta-nos discutir, finalmente, como os três domínios funcionais convergem para produzi-los.

A construção impessoal está deixando progressivamente de ser semanticamente detransitiva e o domínio funcional predominante é o da impessoalidade, que, nesse caso, supera a atuação da detransitividade semântica. Ao menos como tendência estatística, a passiva também é, como vimos, marcada pela impessoalidade, cujo indício mais evidente é a impossibilidade de se recuperar a identidade referencial do SN agentivo não manifesto formalmente. De qualquer modo, essa condição não é obrigatória, ficando ao arbítrio do enunciador selecionar a construção com ou sem SN agentivo, conforme as exigências discursivas.

Quanto à detransitividade, a passiva é uma construção semanticamente estativo-processiva, se comparada ao alto grau de transitividade do predicado da ativa correspondente. A passiva se submete a uma clara tendência pela topicalidade da entidade Paciente promovida a Sujeito, o que se verifica na alta incidência de anteposição de SNs nominativos; alguns casos de posposição são também pragmaticamente motivados.

De um ponto de vista sintático, as propriedades de marcação de caso, presentes no Sujeito/Agente da ativa, são automaticamente transpostas para o Tópico não-agentivo da passiva. Como a identidade do Sujeito/Agente pode não estar totalmente suprimida, a modalidade de voz passiva que se pratica no português aproxima-se tipologicamente da do inglês e não da do *ute*, considerando os dois extremos do *continuum* da hipótese explicativa avançada por Givón (1981, 1994). De fato, não é obrigatória a supressão da identidade do Agente, o predicado não mantém traços de transitividade e não é admissível que qualquer argumento não-Sujeito da ativa venha a se constituir como Sujeito/Tópico da passiva.

Na construção impessoal, mais bem caracterizada como não-promotora, as propriedades de marcação de caso, presentes no Sujeito/Agente da ativa, não são transpostas para o Tópico não-agentivo. É em razão disso que essa estrutura mantém o traço ativo-transitivo, o que significa aplicar-se a correlação entre os parâmetros (a-c): quanto menos uma língua atribuir marcação de Sujeito/Agente a Tópico, tanto mais a construção de voz mantém traços transitivos e ativos e tende a suprimir o agente da ativa (correlação a-b). Essas propriedades permitem alinhar a impessoal com as construções situadas no extremo da escala que caracteriza a passiva do *ute*.

As construções passiva e impessoal apresentam-se, assim, em distribuição complementar em relação aos traços semânticos e pragmáticos envolvidos, o que significa também diferentes graus de restrições para a formulação de cada tipo. Para construir um exemplar de voz impessoal, basta indeterminar a entidade controladora do evento, que exerce a função de Sujeito no esquema de predicado subjacente, preservando-se as características ativo-transitivas do verbo. Isso explica a expansão cada vez mais acentuada dessa construção de voz para outros tipos semânticos de verbos, como os estativos. Já a passiva necessita de restrições mais graves: sua detransitivização, em comparação com uma construção ativa, só é possível mediante o recurso a procedimentos morfossintáticos, inserção de auxiliar e predicado participial que a tornam uma construção estativo-processiva.

CAMACHO, R. G. Passive and impersonal constructions: functional distinctions. *Alfa (São Paulo)*, v.44, p.215-233, 2000.

- **ABSTRACT:** *According to Givón (1981), the typological characterization of passive, which is necessarily scalar and non-discrete, includes three functional domains: clausal topic assignment, impersonalization and de-transitivization. This paper's main objective is to give a functional characterization to the morphosyntactic difference between passive and impersonal constructions of spoken Portuguese.*
- **KEYWORDS:** *Passive voice; impersonal voice; topicalization.*

Referências bibliográficas

ARCE-ARENALES, M. et al. Active voice and middle diathesis: a cross-linguistic perspective. In: FOX, B., HOPPER, P. J. *Voice: form and function*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1994. p.1-22.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F., MARTINS, A. M. *Construções verbais portuguesas em -se médio observadas em textos medievais e em textos contemporâneos*. Texto inédito não publicado, s. d.

CAMACHO, R. G. O papel da estrutura argumental na variação de perspectiva. In: KOCH, I. G. V. (Org.) *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp, Fapesp, 1996, v.I.

CÂMARA Júnior, J. M. *Princípios de lingüística geral*. 4.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

GIVÓN, T. Typology and functional domains. *Studies in Language*, v.5, p.163-93, 1981.

_____. The pragmatics of de-transitive voice: functional and typological aspects of inversion. (Introduction). In: _____. (Ed.) *Voice and Inversion*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1994. p.3-46.

HOPPER, P. J., THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language (Baltimore)*, v.56, n.2, p.51-299, 1980.

KATO, M. A., TARALLO, F. Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In: JAEGGLI, O., SILVA-CORVALAN, C. (Org.) *Studies in romance linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986.

KEENAN, E. L. Towards a universal definition of "subject". In: LI, C. (Ed.) *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.

- KEMMER, S. Middle voice, transitivity and the elaboration of events. In: FOX, B, HOPPER, P. J. (Ed.) *Voice: Form and function*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1994. p.179-230.
- NOONAN, M. A tale of two passives in Irish. In: FOX, B., HOPPER, P. J. *Voice: Form and function*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1994. p.279-312.
- NUNES, J. M. *Se* apassivador e *Se* indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (Campinas)*, n.20, p.33-58, 1991.
- SHIBATANI, M. Passives and related constructions. *Language (Baltimore)*, v.61, n.4, p.821-48, 1985.